

TRADUÇÃO E
GLOBALIZAÇÃO
EDITORIAL: O FLUXO
DE TRADUÇÕES DA
LITERATURA FRANCESA
NO BRASIL ENTRE
1984 E 2002¹

Marta Pragana Dantas
Professora da Universidade
Federal da Paraíba
martaprada@uol.com.br

RESUMO: *Ao analisar o fluxo de traduções da literatura francesa no Brasil, este artigo pretende examinar como esse setor do espaço editorial tem-se portado diante das transformações da edição contemporânea, ocorridas nas duas últimas décadas. O texto se articula em torno de três eixos, a partir dos quais serão percebidas as transformações no segmento da tradução da literatura francesa: a proporção de autores novos e de autores reeditados; títulos novos e títulos reeditados; divisão por gêneros – ficção, teatro e poesia. Uma ênfase especial é dada às articulações dessas transformações com a esfera econômica, aspecto que constitui a primeira etapa de um projeto mais amplo de pesquisa em sociologia da tradução.*

PALAVRAS-CHAVE: Globalização editorial, literatura francesa, sociologia da tradução.

RÉSUMÉ: *À travers l'étude du flux de traductions de la littérature française au Brésil, cet article analyse la façon dont cet espace éditorial a réagi aux mutations de l'édition contemporaine pendant les deux dernières décennies. Le texte s'articule autour de trois points, à partir desquels sont perçues les transformations du secteur de la traduction de la littérature française: la proportion des nouveaux auteurs et des auteurs réédités; nouveaux titres et titres réédités; répartition des genres – fiction, théâtre et poésie. L'accent est mis sur les articulations entre ces transformations et la sphère économique, aspect qui constitue la première étape d'un projet de recherche plus large en sociologie de la traduction.*

MOTS-CLÉS: Globalisation éditoriale, littérature française, sociologie de la traduction.

Recebido em 11 de outubro de 2006
Aceito em 5 de dezembro de 2006

¹ Este artigo apresenta os primeiros resultados de uma pesquisa em andamento sobre a tradução da literatura francesa no Brasil, vinculada ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal da Paraíba, e se inscreve dentro de um grupo de pesquisa mais amplo sobre as relações literárias franco-brasileiras.

INTRODUÇÃO

Num país onde apenas 26% da população, entre 15 e 64 anos, possui um domínio pleno das habilidades de leitura,² onde o número médio de livros editados por habitante e por ano é inferior a dois (LINDOSO, 2004, p. 108), e onde há, em média, uma livraria para cada 84.500 pessoas (McMILLAN, 2006), existem leitores – e, portanto, mercado – para a tradução de obras da literatura francesa? Existem editores interessados em fazer com que se traduzam e se publiquem tais livros? Se se considerar a posição dominante da língua inglesa e da indústria cultural estadunidense no mercado internacional, bem como o declínio da influência da língua e da cultura francesas, é possível ter uma idéia das dificuldades enfrentadas por esse setor editorial e, sobretudo, da assimetria que rege as trocas culturais entre os países, fundada na lógica de uma economia de bens simbólicos.

Os princípios dessa economia de bens simbólicos, descritos e analisados por Pierre Bourdieu (1971-1992), encontram-se atualmente (e talvez mais do que nunca) em pleno funcionamento, com a intensificação das trocas internacionais de bens culturais e, no caso que aqui nos interessa de perto, com a crescente unificação do mercado mundial da edição. Se esse processo já se tinha iniciado há várias décadas, foi, contudo, a partir de meados dos anos 1980 – com a rodada Uruguai do GATT (1986-1994) e a decorrente extensão dos acordos

ao comércio dos produtos culturais –, que ele pôde expandir-se e assumir os contornos que hoje possui. A expressão mais evidente das transformações engendradas pelo que se tem chamado de “globalização editorial” encontra-se na multiplicação dos grandes conglomerados de editoras e de livrarias, com a concentração excessiva da edição nas mãos de grupos financeiros e de poderosos industriais, e no surgimento de novas formas de heteronomia.

Uma nova economia do livro está em voga, o que tem provocado manifestos inflamados na mídia, tais como, na França, o do escritor Pierre Lepape, publicado no *Le Monde Diplomatique*, de março de 2004, e intitulado “La dictature de la ‘world literature’”. E, em dezembro de 2005, a publicação pela Association l’Autre Livre da obra *L’édition menacée: le livre blanc sur l’édition indépendante*, organizada por Charles Onana, reuniu diversos artigos sobre a ameaça que representa para a diversidade cultural o fenômeno da superconcentração das editoras. Mas as reações não se fazem presentes apenas na mídia. Com efeito, a “globalização editorial”, assim como a mutação do livro e da edição contemporânea a ela associada, tem sido objeto de investigações também no meio acadêmico de diferentes países, numa demonstração clara da inquietação que tal fenômeno vem suscitando. Cabe aqui mencionar, entre outras iniciativas, a realização do primeiro e do segundo colóquios (Québec, 2000; Sydney, 2005) sobre a história mundial do livro e da edição; do colóquio sobre as contradições da globalização editorial, promovido pela École de Hautes Études en Sciences

2 Dados do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf), divulgados em 2005.

Sociales (EHESS) e pelo Centre de Sociologie Européenne (Paris, março de 2006), bem como a criação, em 2005, do Observatoire Mondial de l'Édition Contemporaine (OMEC), que congrega, em várias partes do mundo, estruturas de observação dos movimentos da edição contemporânea. Tais iniciativas têm colocado no centro dos debates questões como a tensão entre diversidade cultural e estandardização, concentração e pluralismo, edição independente e grandes conglomerados globalizados, o local e o global.

No Brasil, é a partir do final dos anos 90 que tal fenômeno se impõe, com a intensificação do processo de concentração das editoras (a exemplo do grupo Record) e com o aumento da participação de grupos estrangeiros no mercado de livros (como o espanhol Santillana e o francês Vivendi), numa nítida ameaça à sobrevivência das “pequenas editoras”. A análise aqui proposta se inscreve nesse contexto, com o objetivo de perceber como as transformações por que tem passado o espaço editorial vêm afetando o fluxo das traduções da literatura francesa no Brasil nas duas últimas décadas. O período escolhido, de 1984 a 2002, é marcado por profundas transformações políticas e econômicas, coincidindo com o fim da ditadura e, no plano econômico internacional, com a adesão do Brasil ao Consenso de Washington.

A TRADUÇÃO COMO OBJETO SOCIOLÓGICO

Abordar sociologicamente as práticas de tradução supõe ir além dos limites de uma aborda-

gem eminentemente textual, para se debruçar na problemática de um espaço de trocas internacionais, ou, mais precisamente, de um espaço de transferência cultural entre nações. Esse espaço, se pensarmos em termos bourdieusianos como o faz Pascale Casanova ao utilizar a noção de “campo literário internancional”, é regido por correlações de força entre línguas concorrentes, possuindo uma hierarquia que define os espaços ou culturas centrais e os espaços ou culturas periféricos (CASANOVA, 1999 e 2002). Assim, traduzir um romance polonês não significa a mesma coisa, como exemplificam Johan Heilbron e Gisèle Sapiro, que traduzir um romance inglês ou alemão. Da mesma forma, traduzir e publicar um autor francês no Brasil não significa a mesma coisa que traduzir e publicar um autor brasileiro na França. E isso pelo fato de que o fluxo dos livros traduzidos e a sua significação dependem, antes de tudo, da estrutura do espaço transnacional, espaço hierarquizado com seus modos de dominação. A tradução pode, portanto, assumir várias funções; entre outras, pode representar a consagração de determinado autor em seu campo literário de origem, favorecer o acúmulo de capital literário para uma literatura nacional em vias de consolidação, promover a consagração de um tradutor, ou ainda constituir-se num meio de acumulação de capital simbólico para uma pequena editora (HEILBRON & SAPIRO, 2002, p. 4).

Dentro dessa perspectiva, analisar o fluxo das traduções da literatura francesa no Brasil significa abordar a transferência simbólica entre uma cultura central e uma cultura periférica, assim

como os significados decorrentes dessa importação, no campo cultural nacional. No âmbito deste artigo, será focalizado o aspecto político-econômico desse processo e, mais precisamente, a maneira como as transformações político-econômicas ocorridas no Brasil entre 1984 e 2002 podem ter interferido na evolução do fluxo da importação daquela literatura.

A TRADUÇÃO DE OBRAS FRANCESAS NO BRASIL

A publicação no Brasil de obras traduzidas do francês (todos os domínios confundidos, sem distinção de área) ocupa proporcionalmente uma fatia bastante reduzida do mercado editorial, mesmo que, depois do inglês, o francês seja a língua mais traduzida. Considerando-se o período de 1984 a 2002, das 39 mil traduções publicadas, 11% possuem o francês como língua-fonte,³ vindo em seguida o alemão e o espanhol. Apesar dessa desproporção quantitativa, a evolução do número de traduções das quatro línguas apresenta uma certa unidade enquanto setor dentro do mercado editorial. De fato, ao longo do período estudado, observam-se evoluções paralelas (Figura 1), de forma que os períodos de alta para uma língua também o são para as demais; o mesmo fenômeno verifica-se para os períodos de baixo número de traduções publicadas.

3 Os dados sobre tradução utilizados neste artigo foram extraídos do *Index translationum*, banco de dados da Unesco, que repertoria as obras traduzidas e publicadas em uma centena de países. Apesar de algumas lacunas, esse catálogo constitui o banco de dados mais fiável e exaustivo sobre o assunto, sendo formado a partir de informações transmitidas pelas bibliotecas nacionais dos países implicados.

Esse comportamento homogêneo, aparentemente imune às questões específicas a cada uma dessas línguas, é a expressão mesma da existência de uma regulação externa que orienta o funcionamento do setor. Mais precisamente, tendo em vista a própria natureza da atividade de tradução, mais atrelada às regras do comércio internacional (e do mercado internacional do livro), das políticas monetárias e dos direitos autorais internacionais, tal comportamento em bloco parece indicar a presença das esferas econômica e política como princípios reguladores do espaço de produção e circulação das obras traduzidas. No caso do Brasil, essa heteronomia parece ter gerado instabilidade no setor, devido à fragilidade econômica das últimas décadas e à quase ausência (histórica) de uma política do livro e da leitura.

Mesmo apresentando comportamentos similares ao longo do período analisado, as traduções do francês, do alemão e do espanhol situam-se numericamente bastante abaixo das do inglês, numa proporção média de um para oito. Ainda durante esse período, o número de traduções do inglês quase dobrou (passando de 1.053 para 1.985), enquanto as do francês cresceram 25% (passando de 208 para 261) (Figura 2).

As traduções da literatura

No que tange especificamente à importação da literatura francesa,⁴ uma média anual de 45 obras

4 “Literatura” compreende, no âmbito desta pesquisa, as obras de ficção, poesia e teatro, incluindo os títulos para crianças e

AS LÍNGUAS MAIS TRADUZIDAS NO BRASIL

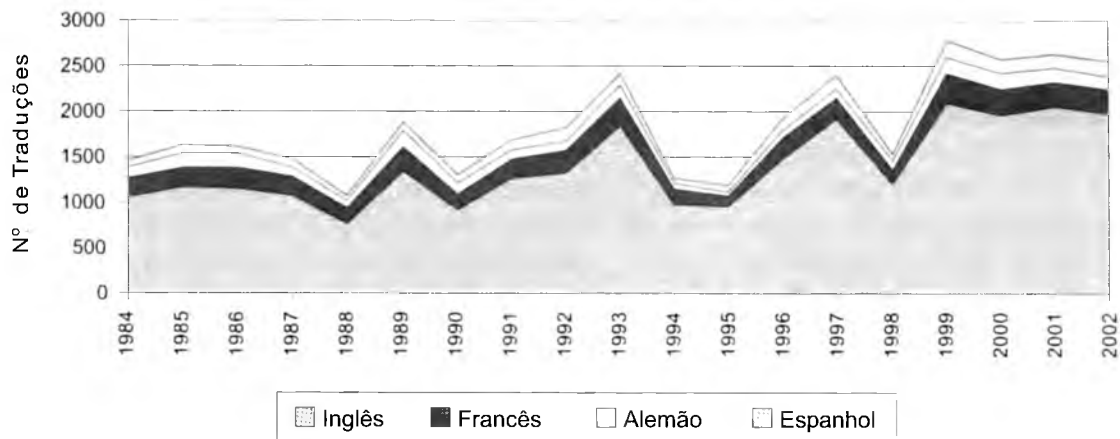


Figura 1. As línguas mais traduzidas no Brasil (1984-2002).

adolescentes. Essa classificação não se estende às biografias, autobiografias e adaptações, assim como às histórias em quadrinhos. Como toda classificação possui seus limites, algumas vezes a decisão entre literatura e não-literatura foi bastante problemática. Nesses casos, a classificação dos livros segundo o sistema decimal Dewey (adotado pelo catálogo informatizado da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil), foi de grande auxílio, assim como artigos e resenhas sobre as obras publicados na imprensa. Por outro lado, para circunscrever a extensão da noção da literatura “francesa” no âmbito desta pesquisa, dois critérios atuaram conjuntamente: um expressando a *appartenance* lingüística do autor, o outro traduzindo a sua relação com o campo literário francês. Foram assim selecionadas as obras escritas por autores de expressão francesa cuja primeira edição foi publicada na França metropolitana. Tal critério se justifica pelo fato de este estudo se definir em relação ao quadro específico das trocas culturais entre o Brasil e a França (metropolitana).

NÚMERO DE TRADUÇÕES DO INGLÊS E DO FRANCÊS

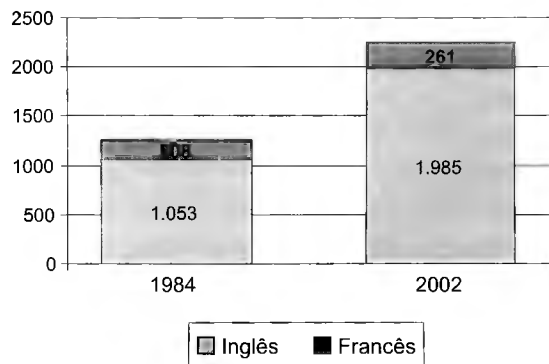


Figura 2. Número de traduções do inglês e do francês (1984-2002).

traduzidas (primeira edição e reedições confundidas) foram publicadas, no Brasil, durante o período analisado, ou seja, o equivalente a 20% do total de traduções dessa língua-fonte. Comparando-se a evolução quantitativa das traduções de obras literárias com as traduções do francês em outras áreas (Figura 3), percebe-se que o setor da literatura permanece relativamente estável, enquanto o número das traduções de obras em geral apresenta uma maior oscilação ao longo do tempo. Esse comporta-

4).⁵ Observa-se que o espaço das obras não-literárias traduzidas parece encontrar-se mais sujeito aos humores do mercado, ao passo que o setor da literatura sofre relativamente menos as consequências das conjunturas político-econômicas – o que não significa que seja imune a essas esferas. Ainda nessa comparação, constata-se que, a partir de 1998, aumenta o fosso existente entre os dois grupos (obras literárias e não-literárias), numa clara demonstração de que, nesses anos marcados pela

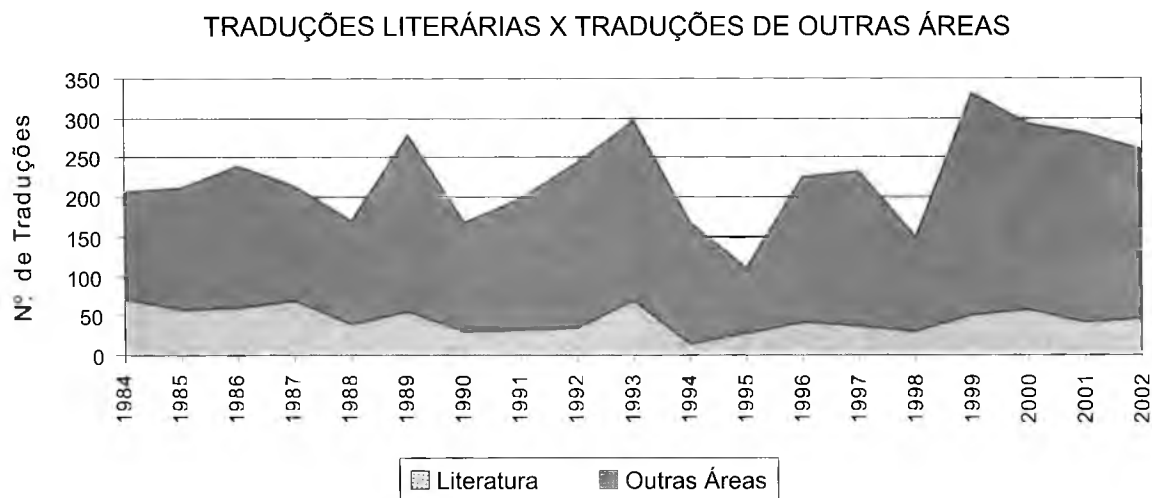


Figura 3. Traduções literárias *versus* traduções de outras áreas (1984-2002).

mento parece apontar para uma relativa autonomia das trocas literárias dentro das trocas culturais (ou de obras em geral) entre o Brasil e a França, confirmando uma das tendências no funcionamento do espaço de circulação internacional de bens simbólicos, enunciadas por Heilbron & Sapiro (2002, p.

5 Segundo Heilbron & Sapiro (2002, p. 4), “este espaço internacional, que é um espaço social como um outro, é mais ou menos regido por três principais lógicas: a das relações políticas entre os países, a do mercado internacional do livro e a das trocas culturais, no seio das quais as trocas literárias podem gozar de uma certa autonomia” (tradução minha).

liberalização da economia e pela afirmação do processo de concentração do mercado editorial, se as traduções em geral do francês puderam expandir-se, tal expansão não se verificou no segmento de obras literárias, que permaneceu relativamente estável.

Um olhar mais detido, porém, sobre a evolução desse setor revela um declínio do volume das traduções, o que pode ser mais bem visualizado através da representação específica do segmento (Figura 4), na qual a curva de tendência (em pontilhado) mostra uma diminuição do fluxo das traduções durante o período estudado, com uma ligeira recuperação no final.

O período representado inicia-se com uma trajetória descendente e termina com uma ligeira recuperação, que não chega, contudo, a superar

ou sequer restabelecer o patamar de publicações inicial. Assim, se a comparação feita entre traduções literárias e não-literárias pôs em perspectiva certa estabilidade na evolução daquelas, uma observação mais atenta revela um ligeiro decréscimo durante o período, ainda que não seja contínuo. Com efeito, altas mais ou menos expressivas são observadas em 1987, 1989, 1993 e 2000. Essas oscilações, apesar de numericamente bastante pequenas (da ordem de algumas unidades ou dezenas de obras), coincidem aproximadamente com os picos das traduções do francês nas demais áreas. A mesma dinâmica se verifica nos anos de maior baixa: 1988, 1990, 1994-1995 e 1998. Assim, uma aproximação entre tais oscilações e as transformações político-econômicas do Brasil, durante o período em questão, poderá suscitar algumas hipó-

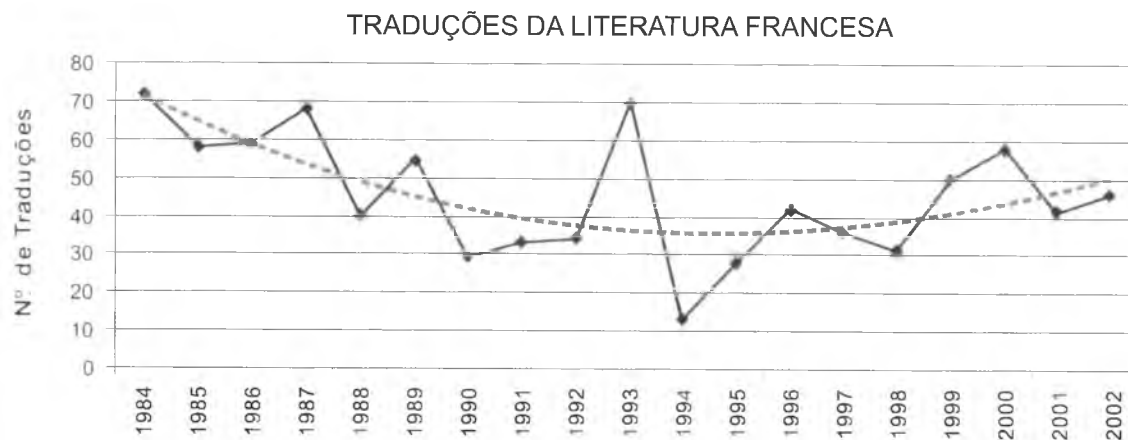


Figura 4. Traduções da literatura francesa.

teses esclarecedoras.⁶ Para semelhante abordagem, três momentos correspondentes a contextos bem precisos nas esferas econômica e política foram identificados, sendo delimitados pelos anos de 1989 e 1994.

A primeira fase, de 1984 a 1989, corresponde, do ponto de vista político, à transição da ditadura militar para o regime democrático, quando, economicamente, o país enfrenta a severa crise latino-americana da dívida externa e da hiperinflação. O poder de compra da população diminui sensivelmente, e a classe média, em que se encontra grande parte dos consumidores do produto livro, é a mais atingida. Paralelamente, como constata Laurence Hallewell em seu vasto estudo sobre o livro no Brasil, a quase totalidade das editoras multinacionais, cuja presença fora maciça ao longo dos anos 70, deixa o mercado nos primeiros anos da crise, com a maioria das empresas vendendo ou fechando suas filiais locais. Através de sucessivos planos econômicos,⁷ o governo tenta em vão estabilizar a moeda e retomar o crescimento econômico (HALLEWELL, 2005, p. 736). É provável que essa instabilidade esteja na base do recuo das traduções do francês e, particularmente, das traduções literárias, cuja

quantidade de títulos publicados sofre um decréscimo contínuo: entre os anos de 1984 e 1989, respectivamente 71, 57, 49, 48, 28 e 35 títulos.

A segunda fase, de 1990 a 1994, começa com o choque do Plano Collor e o confisco da poupança dos brasileiros, levando a uma estagnação econômica. Ela passa pela crise do *impeachment* em 1992 e termina com a introdução do Plano Real do futuro presidente Fernando Henrique Cardoso, então ministro da Economia. Com certo atraso em relação aos outros países da América do Sul, começa no Brasil a implantação do seu projeto neoliberal. Iniciam-se reformas estruturais estratégicas de alinhamento ao Consenso de Washington: abertura econômica, início das privatizações, redução do tamanho do Estado, desregulamentação econômica. Esse período concentra as maiores baixas na importação da literatura francesa, com uma média de 22 títulos por ano, contra 48 no período anterior e 26 nos anos seguintes. Paralelamente a esse recuo, diminui a proporção de novos autores entre os títulos publicados (Figura 5) e aumentam os títulos reeditados (Figura 6), indicando uma menor disposição do mercado editorial para arriscar em valores novos.

O terceiro momento, de 1995 a 2002, corresponde aos anos do governo de Fernando Henrique Cardoso. Durante esse período, o plano de estabilização monetária se afirma, mas ao preço de uma política que dá a primazia ao capital financeiro estrangeiro. Tais investimentos beneficiam largamente o sistema bancário, sob a forma de capital

6 Não postulo, com isso, a suficiência das esferas econômica e política como princípios únicos para dar conta de um fenômeno cuja compreensão mais abrangente requer uma análise qualitativa que confronte os dados até agora obtidos com testemunhos de tradutores e agentes do meio editorial. Trata-se, aqui, de uma primeira abordagem interpretativa.

7 Plano Cruzado 1 (fevereiro de 1986), Plano Cruzado 2 (novembro de 1986), Plano Bresser (junho de 1987), Plano Verão (janeiro de 1989).

especulativo, em detrimento dos investimentos na produção. O projeto neoliberal avança, com a redução das despesas do Estado, com a intensificação das privatizações, com o controle da inflação como discurso justificador de políticas recessivas, com a submissão da economia à esfera financeira. A confiança na estabilidade da moeda, que põe fim a cinquenta anos de inflação crônica, produz, no mercado editorial, seus efeitos mais visíveis a partir de 1996. Expande-se a rede de livrarias, e os investimentos estrangeiros no setor retornam, acelerando o processo de formação dos grandes conglomerados editoriais. O grupo americano McGraw-Hill, que havia tentado uma primeira experiência nos anos 70, firma-se como um dos mais importantes, ao lado do seu homólogo Simon & Schuster. Em 1997, a Ática Shopping Cultural vende suas três grandes lojas, situadas em São Paulo, à multinacional francesa Pinault-Printemps-Redoute, que pretendia dessa

forma estender sua cadeia de lojas Fnac. Em relação aos anos precedentes, as traduções da literatura francesa registram um ligeiro aumento (o número médio de títulos publicados anualmente passa a 26), mas continuam sempre inferiores à média (48) obtida durante os anos 80. A mesma tendência se verifica com a proporção de novos autores, que, embora tenha aumentado em relação ao período 1990-1994, permanece abaixo da média dos anos 80 (Figura 5). No que se refere ainda às reedições de títulos, elas apresentam um ligeiro recuo, mas igualmente continuam mais elevadas em relação ao início do período estudado (Figura 6).

Transformações do fluxo dos gêneros traduzidos

Do ponto de vista dos gêneros traduzidos do francês, duas mudanças ocorridas durante o período estudado merecem atenção. A primeira delas diz

PROPORÇÃO DE NOVOS AUTORES
E AUTORES REEDITADOS

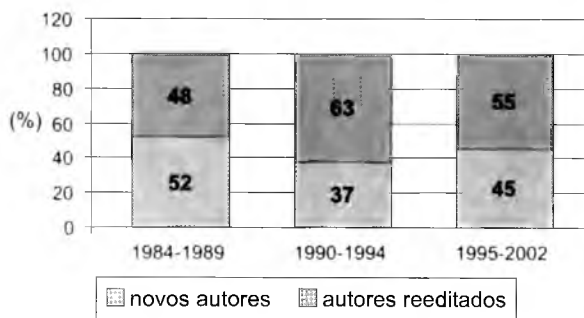


Figura 5. Proporção de novos autores e autores reeditados (1984-2002).

PROPORÇÃO DE TÍTULOS NOVOS
E REEDIÇÕES

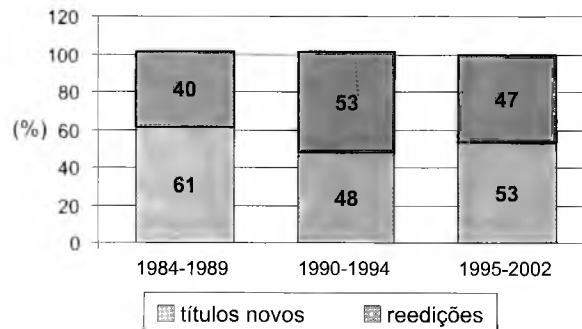
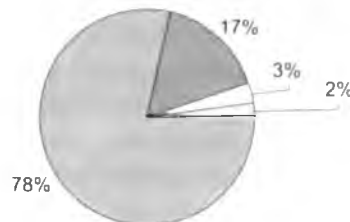


Figura 6. Proporção de títulos novos e reedições (1984-2002).

respeito à brusca diminuição na proporção de traduções de ficção policial, erótica e científica, que minuíram dos 17% da década de 1980 para, respectivamente, 8% e 7% nos períodos seguintes (Figuras 7, 8 e 9). Essa evolução dificilmente se explica através de dados puramente quantitativos, mas algumas hipóteses podem ser feitas, inspiradas nas análises de Hallewell (2005, p. 732-733), sobre a época. Se considerarmos que essas três formas de ficção “comercial”, construídas com ingredientes que prendem mais a atenção do leitor, vendem-se mais facilmente, principalmente numa época em que a literatura de auto-ajuda não possuía o espaço que possui hoje, o interesse constatado no Brasil no início dos anos 80 pelos livros – associado, em tempos de crise, à busca de soluções ou à evasão – pode ter estimulado as traduções nesse segmento.⁸ Com a mudança desse cenário nos anos subsequentes, tal interesse teria caído, refletindo-se num menor número de traduções. Por outro lado, a diminuição do interesse pela ficção erótica, que teve um rápido *boom* durante os anos 80 com o fim da censura, pode significar, na verdade, uma

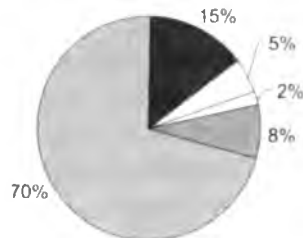
⁸ Neste sentido, é bastante ilustrativo o sucesso, fora da média de outros países, que obteve no Brasil a tradução de *O nome da rosa*, de Umberto Eco. Assim se expressa Hallewell (2005, p. 733), para ao final lançar a hipótese: “Essa estranha história, senão estritamente ‘policial’, pelo menos de detetive, localizada num mosteiro medieval e cheia de discussões filosóficas e informes sobre obscuras heresias, ganhou renome internacional e até uma longa resenha na revista americana *Time*, mas o sucesso brasileiro ultrapassou o padrão externo: fuga perfeita dos problemas do Brasil?”.

PROPORÇÃO DAS TRADUÇÕES POR GÊNERO
1984/1989



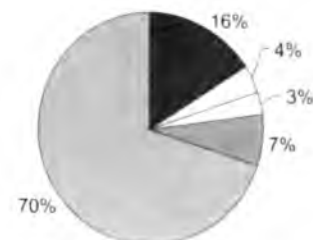
■ Outras ficções ■ Erót/Pol/FCient. □ Poesia □ Teatro
Figura 7. Proporção das traduções por gênero (1984-1989).

PROPORÇÃO DAS TRADUÇÕES POR GÊNERO
1990-1994



■ Outras ficções ■ Erót/Pol/FCient. □ Poesia □ Teatro ■ Infantil
Figura 8. Proporção das traduções por gênero (1990-1994).

PROPORÇÃO DAS TRADUÇÕES POR GÊNERO
1995-2002



■ Outras ficções ■ Erót/Pol/FCient. □ Poesia □ Teatro ■ infantil
Figura 9. Proporção das traduções por gênero (1995-2002).

reacomodação do setor: uma vez passada a procura inicial, a atração exercida sobre os leitores teria cessado rapidamente.

A segunda mudança está relacionada ao aparecimento de traduções da literatura infantil. Numa trajetória inversa à das ficções científica, erótica e policial, a literatura infantil, ausente na representação do primeiro período estudado, emerge na proporção de 15% na primeira metade dos anos 90, e de 16% no período seguinte. Esse fenômeno, que, aliás, não se restringe ao Brasil, pode significar uma compensação para uma crise da tradução de obras para os adultos. Tal pista, a ser explorada numa etapa ulterior da pesquisa, é bastante sugestiva para se entenderem as oscilações do fluxo das traduções nos anos 90, principalmente na primeira metade.⁹ Se, por um lado, a emergência do setor infantil significa de certa forma uma diversificação do mercado a partir dos anos 90, por outro, ela contrasta com a tendência de baixa nas traduções das obras literárias para adultos. Nesse sentido, a emergência das importações de obras infantis, durante o período 1990-1994, como que mascara uma diminuição ainda mais acentuada das traduções para adultos em relação ao período anterior (quando os livros para crianças não figuravam nas estatísticas).

⁹ Por exemplo, ela pode explicar o pico obtido em 1993, quando o número de obras traduzidas mais que dobrou, passando de 34 para 70. Com efeito, enquanto em 1992 as obras para crianças representavam um pouco mais de 14% das publicações, em 1993 elas absorvem 27% do total publicado.

BALANÇO E PERSPECTIVAS

O modo como o fluxo das traduções da literatura francesa evoluiu ao longo das duas últimas décadas aponta para uma retração desse espaço editorial. Do ponto de vista quantitativo, publicam-se nos últimos anos menos obras e uma menor variedade de títulos, e o espectro de autores novos é proporcionalmente menor. Ou seja, aumentou o interesse pelos valores “seguros” (aqueles sancionados pela tradição literária ou mercadológica), sinônimos de vendas garantidas – tendência, aliás, confirmada pelo aumento da porcentagem de títulos reeditados. Do ponto de vista qualitativo, uma primeira análise da lista dos autores mais traduzidos mostra uma redistribuição, ao longo dos três períodos, na proporção das traduções de autores do pólo de produção restrita e de autores do pólo de grande produção. Com efeito, a presença dos “clássicos” e/ou dos autores sancionados pela tradição literária diminui no terceiro período, quando aumenta a proporção de autores cujo reconhecimento provém, em grande parte, do mercado, como Christian Jacq (Quadro 1).

Esse conjunto de dados confirma uma tendência verificada internacionalmente nas economias globalizadas. Se a globalização vem favorecendo a circulação internacional de idéias e, conseqüentemente, fazendo da tradução um veículo estratégico desse comércio, o fenômeno de unificação editorial, cuja manifestação mais nítida se verifica no domínio crescente exercido pelas lógicas econômicas e pela dominação anglo-americana, representa uma ameaça à expressão da

diversidade. Essa percepção é compartilhada, aliás, por vários autores, que, segundo Lindoso (2004, p. 190-191), “já chamaram a atenção para o fato de que a concentração da indústria editorial tende a diminuir a diversidade da oferta e aumentar a ênfase na publicação de autores conhe-

cidos, com a correspondente tendência de diminuição do espaço para os novos autores”. E, referindo-se às dificuldades enfrentadas pela literatura francesa traduzida no exterior, La Meslée (1995) afirma que “os fenômenos de concentração no mercado editorial praticamente não favorecem o

Quadro 1. Autores mais traduzidos* (1984-2002)

| 1º PERÍODO (1984-1989) | 2º PERÍODO (1990-1994) | 3º PERÍODO (1995-2002) |
|------------------------------|------------------------------|---------------------------|
| Georges SIMENON (20) | Maurice DRUON (10) | Catherine CLÉMENT (16) |
| Marguerite DURAS (17) | Fanny JOLY (9) | Christian JACQ (15) |
| Maurice DRUON (12) | Albert CAMUS (7) | Jules VERNE (15) |
| Simone de BEAUVOIR (11) | Juliette BENZONI (6) | Albert CAMUS (13) |
| DELLY (10) | Jules VERNE (6) | BALZAC (9) |
| Anne et Serge GOLON (9) | Gustave FLAUBERT (5) | Régine DEFORGES (8) |
| Antoine de SAINT-EXUPÉRY (9) | BALZAC (4) | Jacqueline MIRANDE (8) |
| Jean-Paul SARTRE (9) | Guy de MAUPASSANT (4) | Fanny JOLY (8) |
| Albert CAMUS (8) | Béatrice ROUER (4) | Jean-Pierre GATTÉGNO (7) |
| André GIDE (8) | VOLTAIRE (4) | Béatrice ROUER (7) |
| Régine DEFORGES (7) | Émile ZOLA (4) | Pierre GRIPARI (6) |
| Jean GENET (7) | Antoine de SAINT-EXUPÉRY (4) | Alexandre DUMAS, Père (5) |
| Pierre HÉRO (7) | Jean de BRUNHOFF (3) | Camille FLAMMARION (5) |
| BALZAC (6) | Marguerite DURAS (3) | Victor HUGO (5) |
| BOILEAU-NARCEJAC (6) | Victor HUGO (3) | Daniel PENNAC (5) |
| Victor HUGO (5) | Bruno de LA SALLE (3) | Émile ZOLA (5) |
| Prosper MÉRIMÉE (5) | Marcel PROUST (3) | Brigitte ÉVANO (4) |
| Françoise SAGAN (5) | Françoise SAGAN (3) | Denis GUEDJ (4) |
| Samuel BECKETT (4) | STENDHAL (3) | MOLIÈRE (4) |
| Gustave FLAUBERT (4) | | VOLTAIRE (4) |

desenvolvimento de uma área de risco como a da literatura traduzida”.

Os dados apresentados, submetidos aqui a uma primeira análise, serão confrontados, numa etapa ulterior da pesquisa, com um estudo qualitativo que afine essas interpretações e explore algumas pistas apontadas ao longo deste artigo. Para esse fim, serão realizadas entrevistas com tradutores e atores do meio editorial (editores, livreiros, diretores de coleção) e de instituições atuantes nas trocas culturais entre Brasil e França (notadamente consulado e embaixada).

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Le marché des biens symboliques. *L'Année sociologique*, Paris, v. 23, 1971.
- _____. *Les règles de l'art: genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1992.
- CASANOVA, Pascale. *La république mondiale des lettres*. Paris: Seuil, 1999.
- _____. Consécration et accumulation de capital littéraire: la traduction comme échange inégal. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, v. 144, p. 7-20, 2002.
- GOUANVIC, Marc-Antoine. *Sociologie de la traduction: la science-fiction américaine dans l'espace culturel français des années 1950*. Artois: Presses de l'Université, 1999.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2005.
- HEILBRON, Johan; SAPIRO, Gisèle. La traduction littéraire: un objet sociologique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, v. 144, p. 3-5, 2002.
- LA MESLÉE, Valérie Marin. A literatura francesa traduzida no exterior. *Label France*, v. 19, 1995. Disponível em: <<http://www.ambafrance.org.br/abr/label/label19/sumario/i19.html>>.
- LEPAPE, Pierre. La dictature de la “world literature”. *Le Monde Diplomatique*, Paris, mar. 2004. Disponível em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/2004/03/LEPAPE/11073>>.
- LINDOSO, Felipe. *O Brasil pode ser um país de leitores? Política para a cultura*. Política para o livro. São Paulo: Summus Editorial, 2004.
- MCMILLAN, Douglas. Mitos e verdades do mercado editorial. *O Globo*, 13 fev. 2006. Disponível em: <<http://www.abrelivros.org.br/abrelivros/texto.asp?id=1580>>.
- ONANA, Charles (Org.). *L'édition menacée: le livre blanc de l'édition indépendante*. Paris: Duboiris, 2005.
- SAPIRO, Gisèle. L'importation de la littérature hébraïque en France: entre communautarisme et universalisme. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, v. 144, p. 80-98, 2002.
- VILLAS-BOAS, Luciana. Conceito e mercado. *Revista Bravo*, n. 73, out. 2003. Disponível em: <<http://www.pensagens.com/arquivo/pensagens/2003/10/lucidez.php>>.